

editorial

O tema dos acordos comerciais é permanente em nossa agenda. Nós o trabalhamos no contexto da chamada liberalização comercial: as relações desiguais norte-sul, a divisão sexual e internacional do trabalho, os interesses das corporações transnacionais.

O desafio é acompanhar o andamento das negociações da Alca, mas também dos acordos bilaterais, da OMC, a proposta de acordo União Européia-Mercosul. O capital e seus representantes nos governos nacionais investem a cada momento em uma destas frentes.

As negociações da OMC se destravaram em Genebra, em julho passado. A pergunta para nós, dos movimentos sociais, é se pequenas concessões por parte dos governos ricos mudam substancialmente as negociações. Será que vale a pena, como defendem ONG's e setores do movimento, a inclusão de cláusulas sociais e de desenvolvimento nos acordos?

Não nos interessa reformar uma instituição, como a OMC, estruturada para manter uma ordem social injusta. E combatemos o discurso de que é possível fazer com que o livre comércio favoreça as mulheres, apenas com alguns ajustes. Combater a desigualdade entre mulheres e homens é também combater a exploração de classe, as desigualdades raciais e entre regiões do mundo.

As Semprevivas



10 de setembro: ativistas vão as ruas contra a Organização Mundial do Comércio

Porque as feministas dizem não ao “livre comércio”

Por Julia Di Giovanni

Quando começamos a discutir a questão dos acordos comerciais internacionais, do livre comércio, da Alca, e agora do acordo entre Mercosul e União Européia, temos aquela impressão de estarmos entrando no terreno dos “temas difíceis”. Custa tempo e energia vencer as palavras complicadas, os termos técnicos das negociações, os textos secretos dos tratados econômicos, a linguagem maçante das notícias econômicas nos jornais. Nossa primeira batalha contra a tirania do mercado - e as misteriosas equações economicistas que querem justificar o livre comércio - é a batalha para que nós, as mulheres, nos apropriemos desse tema: a economia.

O primeiro passo é afirmar que, apesar de os “especialistas” tentarem nos convencer do contrário, a economia não

é uma coisa separada da nossa experiência cotidiana de produção do viver. A economia é parte das nossas vidas, é nosso trabalho, o que ganhamos e o que perdemos trabalhando, é a comida que escolhemos, preparamos e comemos. Não é uma relação de coisas e números, mas uma relação entre pessoas, que vivemos dentro e fora das nossas casas.

Por que viver sob as leis do mercado?

O livre comércio é uma forma de organização da economia e, portanto, uma forma que estão nos impondo para organizar nossas vidas. Nos diz que ser mulher é ser flexível e ter paciência. Nos diz que é uma coisa muito bonita que depois de um dia de trabalho ainda cuidemos sozinhas da casa, das crianças, das pessoas doentes, que isso é melhor do

continuação da capa

que dispor de serviços públicos de saúde e educação, que serviços públicos são coisa do passado, porque assim funciona o mercado. Nos diz que se por isso nos sentirmos cansadas, basta comprar numa farmácia as novas drogas que prometem dar fim às dores do corpo e da alma. Nos diz que se o dinheiro não basta para comprar comida, melhor apoiar o cultivo de transgênicos, para que as grandes multinacionais possam nos salvar da fome com sementes que já nascem mortas, como manda o mercado.

Mas por que viver sob as leis do mercado? Por acaso somos mercadorias? É isso que nos diz a publicidade que expõe imagens do nosso corpo fragmentado e seqüestra nossos sonhos para nos vender mentiras. É isso que nos dizem nossos governos quando assinam acordos em que os interesses das multinacionais valem mais do que a nossa luta histórica por autonomia e democracia. A isso é que dizemos não.

Combinação perversa

Quando dizemos não à Alca, aos TLCs em toda América Latina, ao acordo Mercosul-União Européia, à Organização Mundial do Comércio, dizemos não a uma ordem global em que somos tratadas como mercadorias. Na globalização neoliberal, nas novas e velhas formas de imperialismo, vivemos sob uma combinação perversa entre mercado e patriarcado. A mesma força do patriarcado que nos mantém caladas como objetos do poder masculino, permite o movimento da “mão invisível” do mercado que negocia nossas vidas e direitos, é a mesma força do punho militarista que também se move impune por trás das liberdades do capital.

Nessa ordem nosso trabalho é explorado, é a mercadoria barata produzida pela divisão sexual do trabalho, que nos responsabiliza pelo trabalho “doméstico” de gestão invisível da miséria e da

precariedade. Essa ordem nos reserva o trabalho nas maquilas, os serviços subremunerados, a insegurança da economia informal. A divisão internacional do trabalho que move a globalização capitalista não vive sem o silêncio das mulheres do Sul global, sem o machismo que as oprime e ameace até que aceitem as condições “do mercado” como única solução.

É importante que estejamos atentas ao avanço das negociações de liberalização comercial em várias frentes. Quando a Alca empacou - e já se sabe que o prazo de 2005 para o término das negociações não será cumprido - o governo brasileiro avançou muito rapidamente no acordo igualmente absurdo com a União Européia, agora em suspenso graças a desacordos entre os interesses do agronegócio e as exigências européias. As coisas na OMC também vão de vento em popa depois que em reuniões discretas em Genebra os governos do Brasil e da Índia, líderes do grupo dos países em desenvolvimento mais “ambiciosos”, em troca de proteções especiais limitadas, e algum acesso a mercados, entraram em acordo com os peixes grandes para definir um novo “marco geral” das negociações. O setor de serviços (educação, saúde, água e saneamento, por exemplo) agora devem estar no centro das barganhas comerciais internacionais. Os processos

de liberalização comercial também fazem parte do receituário do FMI e do Banco Mundial. Por isso o confronto com o “livre comércio” e o poder das empresas transnacionais, em seus diferentes aspectos, se refere aos principais pilares da ordem mundial que as feministas comprometidas com um projeto radicalmente diferente de sociedade estão lutando para transformar.

E porque esse sistema nos quer silenciosas, nos organizamos para gritar e cantar - o 17 de outubro é dia de mobilização das mulheres contra o comércio de nossos corpos e direitos. Somos mulheres, e não mercadoria! Foi nossa palavra de ordem em Quito, há dois anos, contra a reunião ministerial da Alca e se espalhou pelo continente, contra os acordos bilaterais e sub-regionais. Foi nosso grito em Cancun contra a Organização Mundial do Comércio. É nossa posição firme contra as negociações com a União Européia. Essa é uma palavra de ordem construída na ação da Marcha Mundial das Mulheres que ganha cada vez mais força e sentido. É o mote da ofensiva contra a mercantilização do corpo e da vida das mulheres lançada pelas companheiras jovens que estão se apropriando do feminismo de forma criativa e radical.

Integra a equipe técnica da SOF

Neide Yamaguchi



A força do punho militarista também se move impune por trás das liberdades do capital

Acordo Mercosul-União Européia: mais lucros para as transnacionais e o agronegócio

Por Fátima Mello

Fotos: Diogo Marcondes



Movimentos sociais devem continuar mobilizados contra os acordos de livre comércio

Enquanto as negociações da Alca (Área de Livre Comércio das Américas) seguem em compasso de espera em relação às eleições nos Estados Unidos, o governo brasileiro, junto com os demais governos do Mercosul, negocia a toque de caixa e com absoluta falta de transparência um acordo tão lesivo quanto a Alca, só que com a União Européia (UE). A pressa é grande entre os negociadores porque o prazo para a conclusão do acordo Mercosul-UE termina em 31 de outubro – é nesta data que os representantes da Comissão Européia serão trocados e, caso o acordo não esteja concluído, o processo negociador teria que ser reiniciado.

O acordo abrange as mesmas áreas de negociação da Alca, adaptando os acertos aos interesses das transnacionais européias. Em troca de ganhos de lucratividade para alguns (poucos) setores do agronegócio exportador (especialmente os de carnes e etanol), os governos do Mercosul estão sendo muito “generosos” na oferta de abertura de nossos países para os lucros das corporações européias. É assim que estamos assistindo à pressão européia para que o Brasil aceite reduzir seu mar territorial de 200 para 12 milhas; desta forma, os navios com bandeira européia poderiam considerar de sua propriedade tudo o que for pescado além do limite das 12 milhas. A UE

também quer proibir o uso de expressões como queijo parmesão e a denominação geográfica de vinhos. O Mercosul está fazendo ofertas que jamais havia feito em outros acordos: preferência à UE em licitações de compras do setor público federal, consolidou a abertura em telecomunicações e em serviços financeiros, garantias jurídicas adicionais aos investidores europeus, além de estar ofertando liberalização em 90% dos bens importados da Europa. Enquanto isso, a agricultura familiar brasileira corre sérios riscos de se desestruturar, pois a moeda de troca oferecida pelo Brasil para conseguir aumentar o lucro de alguns exportadores é, entre outros, baixar a tarifa de importação do leite de 27% (a tarifa aplicada no Mercosul) para zero.

As concessões que vierem a ser feitas neste acordo abrem um precedente, que torna muito difícil não oferecer o mesmo em outros acordos. Isto significa que, tendo feito ofertas tão generosas à UE, o Brasil terá que partir deste mesmo patamar, ou acima dele, quando houver a retomada das negociações da Alca. Não há dúvida que o governo dos Estados Unidos reiniciará as negociações com a exigência de que o Brasil seja tão generoso com os Estados Unidos quanto tem sido com a UE.

Sabemos que a política econômica conduzida pelo governo brasileiro é de-

pendente do aumento das exportações para gerar saldo. No entanto, as evidências demonstram que este acordo não servirá para ampliar mercados para as exportações brasileiras, pois atualmente o Brasil já exporta um volume maior do que as cotas que estão sendo oferecidas pela UE. Tudo indica, portanto, que este acordo não trará as vantagens esperadas pelos defensores do crescimento das exportações como sustentáculo da política econômica. Ao contrário da abertura do mercado europeu, o acordo resultará em ainda maior abertura dos mercados do Mercosul, contribuindo ainda mais para a perda de capacidade do Brasil em relação à formulação de políticas industriais, agrárias e de desenvolvimento voltadas para o combate à exclusão social.

Diante da ameaça de assinatura de um acordo tão nocivo para a grande maioria da sociedade brasileira, é crucial que os movimentos sociais que se mobilizaram contra a Alca coloquem no centro de suas plataformas de luta o enfrentamento de todos os acordos de livre comércio que o Brasil está negociando, seja no âmbito das Américas, com outras regiões do mundo como a Europa, e nas negociações multilaterais da OMC (Organização Mundial do Comércio).

Secretária executiva da REBRIP (Rede Brasileira Pela Integração dos Povos) e assessora da Área Internacional da FASE

Mafalda completa 40 anos e está mais viva do que nunca

Por Agência Carta Maior

Reprodução



Por que o mundo vai de mal a pior? Se Mafalda ainda tivesse o direito à palavra, talvez esta seria a enésima pergunta sem resposta. Em seu aniversário de 40 anos, a menina de Quino teima em não se entregar. “Peço desculpas porque nem eu tenho as respostas para Mafalda”, afirma Quino ao público, apresentando em Milão uma coletânea de velhas tiras intitulada “Se fosse por mim, faria a paz”.

Apaixonada e ingênua, fácil para se indignar e comover, polêmica e inesperadamente sábia, Mafalda passou e ainda passa valores universais, fascinando gerações inteiras que ainda hoje se perguntam por que o lápis de Quino parou.

“Parei de desenhar as tiras da Mafalda”, admite o autor, “porque as guerras e os cenários mudam, mas as perguntas não. E até hoje eu não saberia respondê-las”.

Mafalda, apesar de o autor já não a desenhar, está mais viva do que nunca. Como outros personagens nascidos no papel, tem vida própria, independente da vontade do autor. É assim que ressurge na coletânea “Se fosse por mim, faria a paz”, apresentada nesta semana por Quino, por ocasião dos 40 anos de sua criatura dos cabelos negros que odeia sopa e vive em polêmica com os adultos. Frágil, mas igualmente decidida a curar o mundo.

o que rola

Dia Internacional de Luta contra a Pobreza

Este 17 de Outubro, quando marcamos contra a pobreza, será um momento importante para a Marcha Mundial das Mulheres rerepresentar a campanha de valorização do Salário Mínimo. Já estão programados atos em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e outros estados do Nordeste. Um novo texto sobre o Salário Mínimo, atualizando valores e avaliando a conjuntura está sendo elaborado. Assim que estiver pronto enviaremos para

todos os contatos e divulgaremos em nossa página eletrônica.

Outro tema na pauta das atividades do 17 de outubro é o lançamento da Carta das Mulheres para a Humanidade, que terá sua versão final aprovada no Encontro Internacional da Marcha, em dezembro. O segundo esboço da Carta será enviado para nova rodada de debate e assim finalizarmos o processo democrático de construção deste instrumento político das feministas da Marcha.

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: SB Editora
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- OFENSIVA DAS MULHERES ATIVISTAS
- CARTA MUNDIAL DAS MULHERES PARA A HUMANIDADE